

Universidades Lusíada

Augusto, Fernando

Arquitetura do poder e da religião

<http://hdl.handle.net/11067/6903>

<https://doi.org/10.34628/vtct-hj71>

Metadados

Data de Publicação	2023
Tipo	bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-04-07T16:22:26Z com
informação proveniente do Repositório

ARQUITETURA DO PODER E RELIGIÃO

Fernando Augusto

DOI: <https://doi.org/10.34628/vtct-hj71>

Resumo: A arquitetura da cidade é formada por elementos constitutivos, quer se trate de um lugar de culto ou de uma edificação, eles constituem os símbolos do nosso estado de espírito. É impossível criar edifícios isolados, pois devem fazer parte de um todo. O modernismo procurou impor-se não só através da superioridade, mas também pelas suas promessas. O crescimento é sinónimo de revitalização, mas só faz sentido se tiver um fim. Uma característica do modernismo é que o espírito da época deve ter influência na arquitetura. Le Corbusier foi um arquiteto do modernismo, procura no edifício o purismo sem carácter estético, mas com significado histórico, procura o significado místico do lugar e as características da luz e da sombra, compreende que o vazio está noutra dimensão, no Sensível como o todo do objeto. Para os filósofos o edifício começa pela essência e evolui até á luz e á sombra. A luz ilumina o silencio e mostra contrastes conforme evolui ao longo do dia, o princípio corresponde á matéria que anima as superfícies e os volumes. A luz assume uma linguagem enquanto o silencio da sombra significa uma vida infinita, considera que a ordem do desenho é o resultado da sombra-luz com o silencio. Um edifício belo é, por si só incapaz de embelezar uma cidade, destruída, mas um só edifício feio pode destruir uma cidade. Se um edifício é um benefício apreciável, um conjunto constitui um fator de civilização. Através da construção das cidades construímo-nos a nós mesmos, uma aldeia bela, uma casa bela numa cidade bela pode tornar-se na pátria de todos os homens.

Palavras-chave: Arquitetura; Poder; Religião.

Abstract: The architecture of the city is formed by constitutive elements, whether it is a place of worship or a building, they constitute the symbols of our state of mind. It is impossible to create isolated buildings, as they must be part of a whole. Modernism sought to impose itself not only through superiority but also through its promises. Growth is synonymous with revitalization, but it only makes sense if it has an end. A characteristic of modernism is that the spirit of the time must have an influence on architecture. Corbusier was an architect of modernism, seeks in the building purism without aesthetic character, but with historical significance, seeks the mystical meaning of the place and the characteristics of light and shadow, understand that the void is in another dimension, in the Sensible as the whole of the object. For philosophers, the building begins with the essence and evolves into light and shadow. The light illuminates the silence and shows contrasts as it evolves to the end of the day, the principle corresponds to the matter that animates the surfaces and volumes. The light assumes a language while the silence of the shadow signifies an infinite life, considers that the order of the drawing is the result of the light-shadow with the silence. A beautiful building is, by itself, incapable of beautifying a city, destroyed, but a single ugly building can destroy a city. If a building is an appreciable benefit, an ensemble constitutes a factor of civilization. Through the construction of cities, we build ourselves, a beautiful village, a beautiful house in a beautiful city can become the homeland of all men.

Keywords: Architecture; Power; Religion.

Toda a arquitetura estabelece uma diferença fundamental entre os conceitos dos edifícios públicos ou sagrados, por um lado, e de edifícios utilitários e privados de outro. Os primeiros detêm a qualidade das instituições coletivas, a dignidade, a solenidade, a grandiosidade. Os segundos, com nível mais modesto das atividades privadas da habitação e da economia. Quer se trate de um lugar de culto, uma edificação exprime e transmite valores fundamentais pela sua construção e conceção. Eles constituem o espírito os símbolos do nosso estado de espírito e da nossa autoestima. Os símbolos não constituem só um meio de expressão

e reflexão, são instrumentos e meios para manter os valores cívicos e pessoais. É impossível conceberem-se edifícios isolados e separados do mundo, devem ser concebidos como partes de um todo, são ativos para o bem e para o mal. A maior parte das inovações arquitetônicas, não são inovações mas sim transparências de ideias.

Erros de escala, de proporção, de medida, de forma, conteúdo, estilo, tipo e caráter são sempre desqualificados publicamente através de “alcunhos”. A arquitetura modernista provoca a “ostra grávida” para o Palácio de Congressos em Berlim, para a *Unité d’habitation* de Le Corbusier em Marselha o “Seca-roupa”, estes alcunhos surgem da incapacidade de compreensão do público, e do seu poder de imaginação. Os monumentos clássicos não são ridicularizados, mas denominados pela sua função. A união do símbolo, do significado, da forma, do conteúdo, do tipo e da função não revela uma simples convenção, mas um acordo decisivo. Em arquitetura uma convenção só pode revelar-se de forma duradoura e ter valor constante se a aparência e a função de uma edificação estabelecerem uma relação de verdade. A forma arbitrária e “uniforme” constituem duas manifestações de desvalorização da importância da forma.

O arranha-céus e o arranha-terra utilitário são monumentos fictícios. Alojamos coisas privadas sob disfarces e posturas públicas. São superconcentrações horizontais e verticais de uma só função utilitária sob um teto único. Apenas é revelada a nudez simbólica através das “paredes – cortinas”, como também o caráter utilitário dos seus volumes obesos, humilha a dignidade e o estatuto dos edifícios públicos. Os palácios civis e religiosos, os templos, os teatros, as bibliotecas, as igrejas, os monumentos comemorativos, as pontes são os únicos e verdadeiros elementos simbólicos públicos da cidade.

As revoluções teóricas e científicas impõem-se pela necessidade e utilidade. O modernismo arquitetônico e artístico procurou impor-se não só através da superioridade, mas através da violência das suas promessas. A standardização, a pré-fabricação têm utilidade dentro de certos limites, não são em si mesmos anti-tradicionais, resultando num empobrecimento da arquitetura em geral. Uma arquitetura que proclama pertencer exclusivamente á sua própria época transporta em si o

seu princípio absoluto. Os arquitetos modernistas justificam as dificuldades de aprovação a que as suas obras estão sujeitas atribuindo-as ao caráter inovador.

As teorias do evolucionismo, transformismo e do crescimento ilimitado apelam a capacidades em relação às quais o modernismo se proclama como único detentor, ao contrário da arquitetura tradicional é vista e classificada como rígida, inflexível e incapaz das adaptações necessárias á nossa época. O crescimento é uma expressão de vitalidade, mas deixa de ter sentido quando não demonstra um objetivo ou um fim. O espírito do dinamismo e da flexibilidade tão apregoada pelo modernismo não é exclusivo da nossa época, mas uma condição *sine qua non* de toda a vida. A adaptabilidade de um edifício tradicional não está em contradição com a robustez das suas estruturas. A estabilidade tipológica e estrutural e a adaptabilidade funcional não são ações antagónicas, o modernismo não detém o monopólio do princípio da funcionalidade.

O espírito da estandardização da série, da repetição do idêntico, da uniformidade e da precisão influenciou de uma forma que ultrapassa as necessidades industriais, a nossa cultura a todos os níveis, levou ao formalismo uniformizador que apela ao seu contrário um formalismo do arbitrário. A unidade formalista do Mies van der Rohe, por um lado, e o formalismo arbitrário de Hans Scharoun, por outro, constituem as bases sobre as quais se fundem os revivalismos modernistas atuais. Os traumatismos arquitetónicos que resultam destas atitudes perpetuam sem necessidade a crise. Outro traço característico da teoria modernista é defender a tese “de que é preciso ser de um tempo”, que o espírito da época deverá ter influência sobre a arquitetura. Toda a arquitetura marca uma certa medida, a sua época, mas será que a época deverá marcar toda a arquitetura? No entanto é essa a convenção do modernismo.

A teoria vitruviana só tem sentido numa perspetiva a longo prazo, essas três qualidades são interdependentes, não se poderia ignorar uma sem a outra. O modernismo sempre contrariou esse facto, mas confirmase que a beleza não resulta do bom funcionamento do edifício, pois mesmo os edifícios mais robustos têm uma vida efémera, se lhes falta a beleza, a estabilidade e a utilidade não conferem permanência de um edifício.

O efeito negativo da construção é o facto de termos transformado os edifícios em objetos de longo termo, em bens de consumo a curto termo, agravando o desperdício dos materiais de construção para além do tolerável numa perspetiva ecológica. A industrialização da construção pode ser considerada um falhanço técnico, político, cultural e ecológico. Ela não trouxe progresso técnico significativo, não reduziu o custo da construção, apenas reduziu o período de vida dos edifícios.

Le Corbusier foi um arquiteto do modernismo. Procura no edifício o purismo não tendo um carácter estético, mas sim um significado histórico relacionado com a austeridade, ultrapassa as regras da funcionalidade dos espaços interiores para realçar as qualidades íntimas do edifício. Para isso procura o significado místico do lugar e as características da luz e da sombra. A luz e a sombra são fatores importantes, onde as partículas da luz assumem o significado. A importância do fundo é mais do que uma oposição á forma, é uma relação interior/exterior, do corpóreo/transparente, onde o fundo é o vazio que dá sentido aos pormenores. O vazio é sobrevalorizado e tem um outro sentido, diferente da Teoria da Gestalt, não é um vazio separador de micro-objetos mas um diálogo misterioso nas profundezas das sombras. O vazio está noutra dimensão, no Sensível, que na fenomenologia significa o todo do objeto. A fenomenologia adotou a forma do Sensível, a forma do objeto arquitetónico, liga-se a uma realidade. É neste aspeto que Le Corbusier utiliza formas ideais puras e o número-ideia, alterando-se para uma expressão dos conceitos arquitetónicos. Para os filósofos fenomenológicos e também para os arquitetos o edifício começa pela essência e evolui até á luz e á sombra. À luz atribuem-se os elementos dominantes da composição, sendo a sombra o todo da matéria do objeto. A função da luz e da sombra produz a expressão fenomenológica. Considerando a luz como um verdadeiro “gesto”, a iluminar o silêncio e a dar diversos contrastes conforme a evolução ao longo do dia. A luz como símbolo desta transição dá-nos a passagem da intensidade para a penumbra e para o enigma do silêncio. Ao entrarmos num edifício teremos diversos espaços luz, que passam por vários graus de intensidade, indo até ao espaço silêncio, a luz vai traduzir os valores do edifício, porque sem luz não há arquitetura e a leitura torna-se impossível, visto nada se poder observar na obscuridade. Os princípios da luz correspondem á matéria que anima as superfícies e os volumes. É através desta expressão que o ho-

mem descobre as estruturas do mundo. A arte da luz assume-se como linguagem do homem, enquanto o silêncio da sombra é o significado de uma vida infinita. Portanto, a ordem do desenho arquitetônico é o resultado da sombra-luz em confronto com o silêncio. Le Corbusier fala da fragmentação do objeto, numa atitude de linhas e de vazio fazem parte de uma tendência e de uma filosofia para diversas interrogações da formalização do objeto, estão relacionadas com as novas teorias das ciências físicas, que se debruçam sobre a decomposição da matéria em partículas e espaço, e a interação entre a matéria e a luz.



Ilustração 1 – Construção em altura associada ao poder e ao capitalismo
Sede da Organização das Nações Unidas, em Nova Iorque
(Foto: Eric Firley/RIBA Library Photographs Collection)

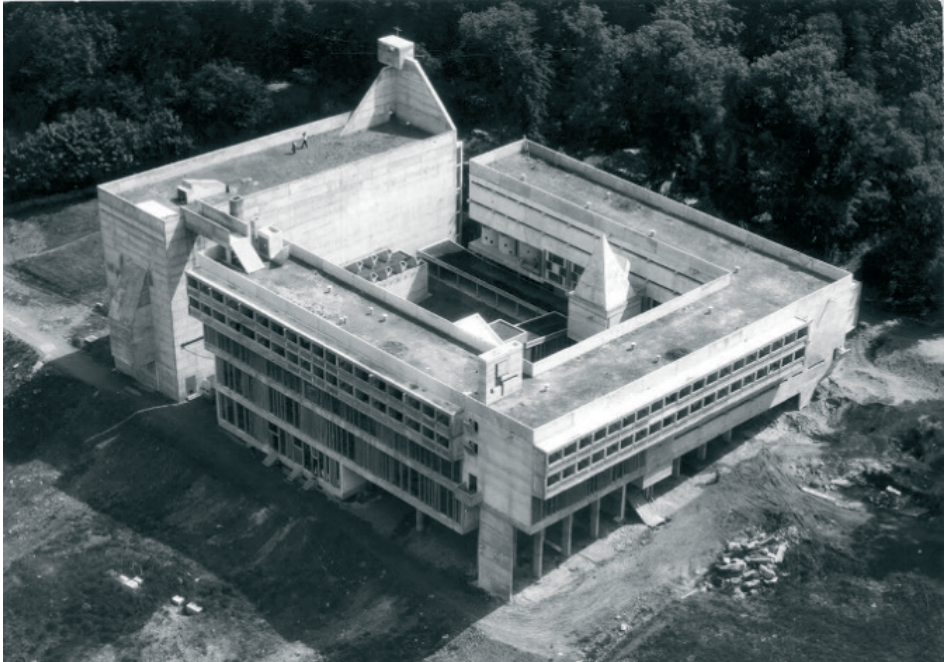


Ilustração 2 – Convento de *Sainte-Marie de-la-Tourette*, Le Corbusier
(Foto: Autor desconhecido)

Bibliografia

KRIER, Léon – *Arquitetura. Escolha ou fatalidade*, Editorial Estar, 1987.
CONSIGLIERI, Victor – *A Morfologia da arquitetura, 1920-1970*, Editorial Estampa, 1999.